Compromissos da pesquisa em jornalismo a partir da práxis: esboço de uma crítica à dicotomia entre teoria e prática

Stiven de Souza Almeida[1]
Universidade Estadual de Ponta Grosa, Ponta Grossa, Paraná

Resumo: O trabalho propõe que a pesquisa em jornalismo assuma compromissos com aspectos normativos, historicamente construídos sobre a atividade jornalística, para diagnosticar e enfrentar problemas da profissão. A proposta também busca evidenciar que tais elementos, como o interesse público e a busca da verdade, são inerentes ao pensamento acadêmico, mas que a ausência de um compromisso na pesquisa pode levar a um relativismo das prerrogativas do jornalismo. É a partir de um resgate da dialética-materialista, considerando a práxis enquanto categoria fundamental, que se busca uma saída para superar as dicotomias que afastam a teoria da prática profissional.

Palavras-chave: Jornalismo; verdade; práxis; dialética-materialista.

Introdução

Seria um suicídio profissional desconsiderar, em qualquer pesquisa do campo, as prerrogativas basilares da atividade jornalística que estão fundadas na práxis, seja no batente ou na academia. Uma empreitada neste caminho pode ser frutífera na Sociologia do Jornal, talvez na História, mas não no Jornalismo enquanto Ciência, na Jornalística. É nesta perspectiva que Groth coloca no horizonte da Ciência do Jornal os "valores mais elevados" ou, ainda, a dogmática enquanto ética e política do jornalismo (Groth, 2011, p.50). O entendimento é de que se fala em uma profissão e de um produto dela, de uma prática racionalmente instrumentalizada e com exigências intrínsecas a ela, mas não autóctones. Isso porque, como produto cultural, o valor do jornalismo é construído a partir de outros valores presentes "no mudo que ele influencia e pelo qual é influenciado" (Ibid., p.51).

Como falar em interesse público, cidadania, democracia, se reduzirmos os sentidos historicamente construídos sobre o jornalismo a um mero discurso legitimador – sem

[1] Graduado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), mestrando no Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da UEPG, email: 250400100006@uepg.br

lastro - da atividade profissional? Como analisar ou, ainda, denunciar os problemas da profissão se, sob argumento de uma postura científica neutra ou relativista, a teoria não se comprometer com as prerrogativas da atividade jornalística? Em sua crítica ao funcionalismo e a teoria dos sistemas, Genro Filho (2012) evidencia às falhas destas abordagens e defende que o jornalismo não pode ser julgado "a partir de pressupostos que eliminem o problema da verdade" (Genro Filho, 2012, p.88). É justamente por se comprometer com os sentidos do jornalismo, considerando a práxis no processo de desenvolvimento da atividade, que o autor também evoca a questão da liberdade humana e conclui que a consumação desta exige o desenvolvimento da atividade jornalística (Ibid., p.233).

A visada inevitável do jornalismo

Ao discutir os desafios para consolidação do jornalismo enquanto campo científico, Josenildo Guerra (2024) aponta para a necessidade de a pesquisa considerar as prerrogativas e responsabilidades do ofício, para evitar o distanciamento entre teoria e prática. Sem elementos fundantes como liberdade de expressão e de informação, bem como ausentes os deveres com a verdade, o interesse público, entre outros, é impossível estabelecer o que Eduardo Meditsch (2001) chama de uma "fisiologia normal" do jornalismo e, em consequência, fica prejudicado o enfrentamento dos problemas da atividade profissional (Guerra, 2024, p.57). De forma espontânea, dispensando justificativas ontológicas sobre tal postura, teóricos clássicos do jornalismo no Brasil já estavam comprometidos com as prerrogativas do exercício jornalístico.

Em sua Iniciação à Filosofia do Jornalismo, Luiz Beltrão (1959) traz o papel de informar "tão objetiva e veridicamente quanto possível" e "contribuir para a elaboração da vontade popular" como missão política e social do jornalista (Beltrão, 1959, p.61). Não se trata de cair no mito da objetividade, de romantizar a profissão, mas sim de situar as finalidades do jornalismo em sociedades democráticas e o que se espera dele, não apenas pelo público, mas também pelo Direito – tópico tratado pelo autor no trecho citado. Três décadas antes de Beltrão, Barbosa Lima Sobrinho (1923) também já trazia os

fundamentos do jornalismo como plano de fundo de O Problema da Imprensa. O autor identifica os vícios da imprensa a partir de suas virtudes, as quais são elementos de educação e civilização (Sobrinho, 2008, p.117). Sem falar em "fisiologia normal" da atividade, Sobrinho a evidencia ao dizer que "o jornal fiscaliza o governo, serve-lhe de freio e estorva a desonestidade" (Ibid, p.118) - se não o faz, há um problema. Na mesma década dos escritos de Sobrinho, embora não reconhecido como um teórico do jornalismo propriamente dito, mas com certeza como um jornalista, Rui Barbosa traz pensamentos que não só ajudam a entender a prática no Brasil em sua fase pré-industrial, mas também expõem violações de prerrogativas. Na conferência intitulada A Imprensa e o Dever da Verdade, em 1920, Rui Barbosa denuncia a corrupção nos jornais que, subvencionados pelo Poder Público em diversas esferas, deixam de lado o compromisso com os fatos, tornando-se "casas de prostituição intelectual" (Barbosa, 2019, p.84).

Embora questões sobre objetividade e verdade no jornalismo tenham ganhado repercussão no norte global nos últimos anos (Gauthier, 2015; Anderson e Schudson, 2019; Downie Jr. e Heyward, 2023), o breve resgate de apenas alguns pensadores acerca do jornalismo no Brasil explicita que os valores da profissão estão na gênesis da reflexão teórica sobre o mesmo. Refletir sobre a atividade não se limita a analisar o que ela é, mas, nas palavras de Groth, qual papel, quais tarefas e quais significados o jornalismo deveria ter (Groth, 2011, p.51). O proponente da Ciência do Jornal defende que, enquanto obra cultural, o jornalismo carrega objetivos e intenções, finalidades, ou melhor, sentidos (Op. Cit., p.34). Nestes sentidos é que estão situados elementos como a objetividade e a verdade dos fatos, construídos não exclusivamente no discurso, mas nas relações materiais de produção e reprodução entre os sujeitos-objetivados e objetos-subjetivados. Apesar de não se debruçar sobre o pensamento de Groth, Genro Filho (2012) faz esta transposição da perspectiva simbólica da Jornalística para a dialética-materialista. Desta forma, a verdade do jornalismo é um processo de revelação da "substância histórica e socialmente constituída, independentemente dos enfoques subjetivos e ideológicos em jogo" (Genro Filho, 2012, p.197).

A concepção de verdade no jornalismo, por vezes negligenciada em abordagens construcionistas radicais, está relacionada aos fatos e, deste modo, encontra guarida no que Hannah Arendt (2003) coloca como verdade factual. Não é trabalho do jornalista, seja na pesquisa ou no batente, definir filosoficamente o que é a verdade. Talvez seja por compreender isso que a ideia de uma construção social da realidade (Berger e Luckmann, 2004) seduza pesquisadores do campo, como um escape a eventuais digressões sobre o que é o real. Paradoxalmente, em busca de desviar de um debate metafísico, as abordagens construcionistas podem referendar uma noção de realidade metafísica, idealizada e desconectada das condições históricas de produção. Como defendido por Gauthier, reconhecer a natureza construtivista do Jornalismo não implica necessariamente "a rejeição da existência de uma realidade bruta e nem da busca pela verdade" (Gauthier, 2015, p.214). Neste mesmo sentido, reservar a ontologia da verdade à Filosofia não significa abandoná-la enquanto fundamento da práxis jornalística, dando brechas para uma perigosa equivalência entre fatos, opiniões e até mesmo mentiras, por meio de uma "balcanização de todo o conhecimento" (Meditsch, 2001, p.5). Pelo contrário, em que pesem as cargas ideológicas e interesses diversos no trabalho do jornalista, é preciso compromisso com a verdade factual, a qual difere da verdade racional e da opinião por emanar de fatos que se impõem coercitivamente, sem necessidade de persuasão ou dissuasão (Arendt, 2003, p.297). Mais do que uma visada obrigatória, a verdade é uma visada inevitável, pois está inexoravelmente ancorada na prática constituída historicamente pelo jornalismo.

Um resgate da dialética-materialista

Tal qual faz Genro Filho, é na perspectiva dialética-materialista que encontra-se uma saída para entendermos o jornalismo na sua complexidade, sem desprezar a prática em função de uma dimensão simbólica que ele ajuda a produzir. Em verdade, a separação do simbólico e do material é uma daquelas dicotomias que Bourdieu (2004) considera prisões do pensamento, mas que, contraditoriamente, ele próprio precisa recorrer a elas em sua definição do poder simbólico. Não é o objetivo, neste momento, aprofundar a

discussão sobre o pensamento do sociólogo francês. Mas, antes de retomar a questão da dialética-materialista, é preciso destacar que somente interpretações apressadas de Bourdieu levam a uma concepção de um poder imaterial, sem nexo com o concreto. A própria linguagem de O Poder Simbólico (2006) pode induzir ao equívoco, uma vez que o simbólico é colocado em oposição ao material (Bourdieu, 2006, p.11). Porém, ainda na introdução da obra, o autor deixa evidente que o poder simbólico é subordinado a outras formas de poder (Ibid., p.15), o que ainda preserva em certa medida uma divisão. Esta dicotomia entre material e imaterial, presente desde a filosofia clássica e que ainda hoje repercute, é uma das heranças do universalismo europeu, o qual transforma valores cristãos ocidentais em verdades científicas (Wallerstein, 2007, p.86). Por outro lado, a dialética-materialista, não o materialismo ingênuo (Kosík, 1976, p.14), une a reflexão à ação, tendo na práxis a categoria-chave contra tais reducionismos. A crítica a um suposto reducionismo ou determinismo econômico em Marx ignora o fato de que a economia-política é cultural e, em consequência, material-simbólica. As próprias mercadorias só manifestam valor em uma relação social (Marx, 2023, p.105), bem como a forma e o valor do produto do trabalho são assumidas relacionamento entre os sujeitos (Ibid., p.122).

A noção de práxis é fundamental para se assumir compromissos científicos com o jornalismo. Ela considera que a reflexão, o que fazemos ao abstrair sobre o concreto-pensado, alimenta a ação e vice-versa, por isso é dialética ao mesmo tempo em que é materialista. Enquanto ação consequente, a práxis precisa da teoria e "é a teoria que remete à ação, que enfrenta o desafio de verificar seus acertos e desacertos" (Konder, 1995, p.115). A fisiologia do jornalismo como forma de conhecimento (Meditsch, 2001, p.15), na qual se inserem suas prerrogativas e responsabilidades, são produtos deste movimento, de uma prática que se retroalimenta no campo profissional e acadêmico. Quando estas dimensões se distanciam, evidencia-se um problema no campo profissional e no científico, cujo enfrentamento pode ser feito a partir do compromisso com fundamentos construídos historicamente pela reflexão e ação jornalística. Mais do que considerar o jornalismo como forma de conhecimento, é fundamental não ignorar que o conhecimento é um momento da práxis (Genro Filho, 2012, p.226).

Referências

ARENDT, Hannah. **Entre o Passado e o Futuro.** São Paulo: Perspectiva, 2003.

BARBOSA, Rui. **A Imprensa e o Dever da Verdade**. Brasília: Edições do Senado Federal – Vol.272, 2019. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/564683/imprensa.pdf

BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à Filosofia do Jornalismo**. São Paulo: Edusp, Com - Arte, 1992.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade:** Tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas.** São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

DOWNIE JR., L.; HEYWARD, Andrew. **Beyond Objectivity**: Producing Trustworthy News in Today's Newsrooms. Published by the Walter Cronkite School of Journalism and Mass Communication Arizona State University: Stanton Foundation, 2023. Disponível em: https://cronkitenewslab.com/wp-content/uploads/2023/01/Beyond-Objectivity-Report-2.pdf

GAUTHIER, Gilles. A verdade: visada obrigatória do jornalismo. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 2, jul-dez, 2015.

GENRO FILHO, Adelmo. **O Segredo da Pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Editora Tchê, 1987.

GROTH, Otto. **O Poder Cultural Desconhecido**: fundamento da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERRA, Josenildo. Ensaio sobre o jornalismo: para um programa de Pesquisa Básica, Aplicada e de Desenvolvimento Experimental. **Pauta Geral** - Estudos em Jornalismo, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: http://doi.org/10.5212/RevistaPautaGeral.v.11.23410

KONDER, Leandro. **O futuro da filosofia da práxis**: o pensamento de Marx no século XXI. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

KOSÍK, Karel. **Dialética do Concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

MARX, Karl. **O Capital**: crítica da Economia Política. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2023.

MEDITSCH, Eduardo. **Gêneros de discurso, conhecimento, intersubjetividade, argumentação: ferramentas para uma aproximação à fisiologia normal do jornalismo.** Encontro Nacional de PósGraduação em Comunicação. Reunião Anual, X. Brasília, 2001. Disponível em: https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-generos-de-discurso.pdf

SCHUDSON, Michael; ANDERSON, C. Objectivity, Professionalism and Truth Seeking in Journalism. In: WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. **The Handbook of Journalism Studies**. New York: Routldge, 2009.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **O Problema da Imprensa**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O Universalismo Europeu:** a retórica do poder. São Paulo: Boitempo, 2007.